

O ROMANCE COMO GÊNERO MODERNO

Edison Bariani Jr.

Márcio Scheel

O simpósio ora apresentado deve concentrar-se no estudo do romance como gênero moderno, isto é, que surge como expressão fundamental da modernidade, desde a sua ascensão como forma narrativa em fins do século XVIII, mas que se consolida, como um modo de perceber e interpretar o estar-no-mundo do homem, ao longo dos últimos séculos. Considera-se, nesse sentido, que as teorias do romance abarcam a compreensão e explicação da forma da epopeia na modernidade por meio de uma construção estética, científica, filosófica e ontológica que privilegia não só o problema da forma em seu aspecto mais elementar, a saber, como estrutura narrativa, mas sobretudo sua complexa organicidade interna, que se articula em função de indivíduos (os heróis romanescos) em conflito consigo mesmos e com o mundo, fadados a vivências incompletas ou degradadas, sujeitos às vicissitudes do mundo, do tempo, do espaço social e da próprias vontades. Desse modo, teóricos como Mikhail Bakhtin, György Lukács, Lucien Goldmann, Ferenc Fehér, Ian Watt, Temístocles Linhares, e críticos como Walter Benjamin, Julio Cortázar, Milan Kundera, Franco Moretti, Claudio Magris, Jorge de Sena, João Gaspar Simões, Sandra Vasconcelos são alguns dos referenciais mais significativos para situar o problema do romance em suas tensivas e ambíguas relações com o mundo moderno, para refletir acerca da natureza do herói romanesco, considerando que tipos de valores, princípios, formas de agir, caracteres, relações com a ordem social e com outros indivíduos caracterizam esse herói. Essa perspectiva é importante porque o romance é uma produção estética, mas cujo entendimento de seus pressupostos formais transcende a área, assim, também a filosofia, a linguística, as ciências sociais (mormente a sociologia), a ontologia, a ética e a psicologia também se debruçam sobre as condições formais básicas que caracterizam o gênero. Uma vez que a teoria é um modelo explicativo racional baseado em informações empíricas e suposições lógicas, uma teoria do romance, uma estrutura explicativa com pretensões universais não é necessariamente uma construção científica, deixando possibilidades hermenêuticas de entendimento da forma por parte de outras vertentes do pensamento racional. Assim, busca-se refletir não só a respeito da forma romanesca, mas de como o romance é, também, um produto das dúvidas, tensões e conflitos que marcam o

indivíduo e sua relação com o mundo desde o século XIX e a afirmação de um ideal de mundo organizado pela racionalidade, pelo domínio técnico da natureza e pela noção de progresso atrelada à ciência experimental. Além disso, deve-se pensar sobre algumas das visões do romance ao longo do tempo como teorias: crônica do mundo burguês, saga do indivíduo em busca de valores autênticos, percepção particular do tempo e do espaço, um perder-se no mundo como epopeia etc. Deve estar a cargo das teorias do romance perscrutar as similaridades que possam tornar possível amalgamar as numerosas obras (como construções singulares da forma romanesca) numa definição universal que auxilie na percepção da peculiaridade do gênero, dada sua importância histórica e desafio aos pregadores de sua derrocada.

Palavras-chave: Romance; Modernidade; Herói.

LITERATURA DE AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEA: QUESTÕES ESTÉTICAS, TEMÁTICAS E IDEOLÓGICAS

Lúcia Osana Zolin

Marly Catarina Soares

A literatura de autoria feminina brasileira, cuja trajetória, intimamente ligada à trajetória do movimento feminista, tem seu ponto de partida só na segunda metade do século XIX, vem empreendendo importantes fraturas nas representações femininas tradicionais e, nesse sentido, se configurando como resistência à opressão da mulher.

Trata-se de um conjunto de produções literárias que parece ir se consolidando, se avolumando e ganhando certos contornos, à medida que o pensamento feminista vai conquistando espaço e credibilidade no espaço sociocultural brasileiro: os primeiros textos literários escritos por mulheres no Brasil, datados de um momento em que o movimento feminista apenas engatinhava entre nós, representam figuras femininas oprimidas pela ideologia patriarcal que silenciava a mulher e lhe tolhia a liberdade. São textos que internalizam os valores vigentes, reduplicando a tradição, tanto no que se refere às questões éticas e ideológicas, quanto no que tange às estéticas, de tal modo que a postura crítica que, timidamente, daí se abstrai acerca da então disfórica situação social da mulher é da ordem do registro da opressão, numa espécie de desabafo velado, sem maiores discussões e reivindicações. O dado dissonante estaria no fato de as vozes femininas estarem se fazendo ouvir na seara literária, até então, reservada exclusivamente aos indivíduos do sexo masculino/dominante. Ainda assim, há que se entenderem essas primeiras iniciativas de escritoras pioneiras como uma espécie de resistência ao secular silenciamento imposto à mulher.

Mais tarde, em meados do século passado, quando Clarice Lispector publica *Perto do coração selvagem* (1944), uma nova fase da literatura brasileira de autoria feminina é inaugurada. Trata-se de um momento de ruptura com a simples reduplicação dos valores patriarcais que marcava a fase anterior. De modo geral, a obra clariceana estrutura-se em torno das relações de gênero, trazendo para o primeiro plano das discussões as diferenças sociais cristalizadas historicamente entre os sexos, as quais vinham cerceando sobremaneira as possibilidades de a mulher atingir sua plenitude existencial. A exemplo do que ocorre com a ficção de Clarice Lispector, a maioria das escritoras que

vão surgindo na esteira de sua produção literária (e já não são tão poucas como no século XIX) também tem suas obras caracterizadas pela problematização do modo de a mulher estar na sociedade regulada pelo pensamento patriarcal. É o que se pode constatar quando se examina a ficção de escritoras como Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Lya Luft, Helena Parente Cunha, Marina Colasanti e Ana Maria Machado, só para citar algumas entre as mais estudadas. Isso implica dizer que durante quase toda a segunda metade do século XX a ficção nacional escrita por mulheres desnudou, discutiu, questionou, pôs, enfim, na berlinda a legitimidade da dominação masculina e da consequente opressão feminina, configurando-se como um lugar de resistência e de protesto face à ideologia patriarcal.

Após os anos 1990/2000, todavia, as temáticas memorialistas, autobiográficas, com ênfase no universo feminino doméstico e no eu, que dominaram a literatura de mulheres por várias décadas vão, aos poucos, cedendo espaço para temáticas diversas, que dizem respeito não apenas às mulheres, mas à humanidade em geral. É como se a mulher escritora já se sentisse à vontade para falar de outras coisas, talvez, por ver minimizada, com o declínio do patriarcalismo, a opressão que tradicionalmente incidia sobre seu sexo. E, sendo assim, representa e, ao representar, constrói a/as mulher/es cuja/as identidade/es passeia/am em seu imaginário. Trata-se de inscrever, no lugar da memória da opressão feminina, engendrada pelo pensamento patriarcal, a memória da “descolonização” que o feminismo conferiu à mulher e às relações entre os sexos nas últimas décadas, bem como as questões que relacionadas ao mundo contemporâneo.

Os modelos que servem, portanto, de inspiração, não só às escritoras contemporâneas, mas aos cineastas, publicitários, comunicadores, artistas plásticos etc., ao se desincumbirem da tarefa de engendrar representações femininas, antes de se constituírem apenas de mulheres desenhadas pelo imaginário patriarcal, constituem-se de mulheres reais, posicionadas na contracorrente das ideias hegemônicas, cujos contornos, ao invés de serem matizados pelo silenciamento, pela subserviência e pela objetificação, são fortemente marcados com as tintas da autonomia, do direito à voz e à vez.ⁱ

Tendo isso em vista, o presente simpósio pretende reunir pesquisadores/as que desenvolvem pesquisas relacionadas com a produção literária recente (publicada a partir de 2000) escrita por mulheres, preferencialmente no Brasil, com o objetivo de dar

conhecer, bem como de debater o que aí se repete: as temáticas mais recorrentes, os mecanismos de afirmação identitária, a multiplicidade de identidades representadas, as narrativas do eu, as configurações e motivações das práticas de deslocamento (viagem, exílio, (i)migração, desterritorialização, pertencimento), a desconstrução de paradigmas no âmbito das representações de gênero e em outras searas, as tendências estéticas, etc. O simpósio, também, pretende agregar trabalhos que analisam a literatura de mulheres a partir de perspectivas multidisciplinares, bem como a partir do viés dos Estudos Culturais. Nesse sentido, visa promover o intercâmbio de informações, o incentivo a investigações e, sobretudo, o debate de ideias, contraponto fundamental para o desenvolvimento de pesquisas.

Palavras-chave: literatura de autoria feminina contemporânea, estudos de gênero, representação literária

CONSTRUÇÕES DE SILÊNCIOS NA ARTE

Rosi Maria Basseto Sena

Luzia Aparecida Berloff Tofalini

O cosmos encontra-se repleto de sonoridades e o ser humano é acossado por barulhos tanto exteriores quanto interiores. O silêncio, porém, não se identifica com a ausência completa de sons audíveis. Ele se constitui como contraponto, permitindo a percepção dos diversos ruídos, bem como sua altura e seu timbre. Ele possui inúmeras dimensões. Entre elas se podem contar aquela que se identifica com as construções de silêncios nas obras de arte. Os sons externos ou internos ao ser humano possuem frequências díspares. Um dos papéis do silêncio é permitir, devido às pausas, a identificação de cada som, porque o silêncio é imprescindível para a identificação de todo som. Outra função exercida por ele é o fato de ele se configurar como pedra de sustentação de todo e qualquer ruído. O mais importante, entretanto, é que o silêncio não é mero elemento ornamental, mas elemento expressivo, uma vez que ele significa sempre. Conforme Eni Orlandi (2007), o silêncio possui uma “força corrosiva, que faz significar em outros lugares o que não ‘vinga’ em um lugar determinado. O sentido não para; ele muda de caminho”. As construções de sentido somente são possíveis porque o silêncio é a base da significação. Os silêncios são responsáveis pela movimentação dos sentidos e são eles que permitem a interpenetração dos diversos campos. Na dialética entre o dizível e o indizível, as experiências das personagens apresentam-se conflituosas. Todas as artes, bem como todas as ciências, têm por base o silêncio. É a partir dele que se produz o belo e se constrói o conhecimento. A literatura, cujas fronteiras se apresentam cada vez mais fluidas, acolhe diversas áreas do saber – tais como a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Mística, entre outras – e estabelece intensos diálogos com elas. Além disso, não raras vezes o texto literário estabelece interlocuções também com outras modalidades artísticas como é o caso do cinema, da pintura e da música. A arte literária, oral ou escrita, nunca pôde prescindir do silêncio seja porque ele é a premissa da qual se parte para iniciar um raciocínio ou para se criar um discurso seja porque o silêncio é componente de qualquer linguagem. E a “linguagem só pode lidar, de modo significativo, com um segmento especial e restrito da realidade. O resto, e é provável que seja a maior parte, é silêncio” (STEINER, 1988, p. 40). Justifica-se, assim, a existência desse simpósio que visa a empreender uma discussão sobre as ocorrências de

silêncio na literatura, suas possibilidades de sentido e o modo como elas se manifestam no texto artístico. Espera-se reunir pesquisadores interessados em expor os resultados de suas pesquisas sobre a presença de silêncios na arte, para dar sequência ao debate acerca de como as construções de silêncios são imprescindíveis para a significação total da mensagem da obra de arte. Quanto mais se compreenderem os sentidos dos silêncios presentes nos textos artísticos tanto mais serão aprofundados os conhecimentos relacionados ao próprio homem. Por isso, esse simpósio acolhe trabalhos cujos objetos de estudo, reflexão e análise se direcionem, de algum modo, para as construções de silêncio no texto artístico.

Palavras-chave: silêncios; arte; literatura.

ENGENDRAMENTOS E SENTIDOS PLURAIS DO FANTÁSTICO

Nerynei Meira Carneiro Bellini

Valdira Meira Cardoso de Souza

Este Simpósio visa a reflexões e diálogos acerca dos muitos processos de tessitura do fantástico em diferentes âmbitos: literário, artístico, midiático, etc., e as significações aludidas. Remo Ceserani, em *O fantástico* (2006), afirma que o fantástico literário cria eventos e seres com objetivo de engendrar outras histórias, isto é, na superfície imediata dos relatos subjazem outros sentidos. A inferência receptora dos prováveis significados é possível devido a uma suposta “abertura estrutural” vigente em composições articuladoras de categorias estruturantes e temáticas afins. Francisca S. Coalla estabelece o trajeto diacrônico do sobrenatural na ficção em pressupostos de seu livro *Lo fantástico en la obra de Adolfo Bioy Casares* (1994), ou seja, no final do século XVIII e no início do XIX, predominava um fantástico no qual o insólito se concentrava na figura do fantasma, do vampiro ou do monstro (o terror estava no ser externo); no século XIX, enfatiza-se a dimensão psicológica, por isso, ações e eventos inusitados são inferidos como loucuras, alucinações, surtos, pesadelos (a angústia estava no interior do sujeito) e no século XX, o fantástico transportou-se para a linguagem, por meio da qual é criada a incoerência entre o real e o imaginário (a inquietação está na falta de nexos na ordenação de coisas banais). Por meio do trabalho específico com a linguagem é que se desordenam os fatos e os caracteres presentes no texto, a fim de se proporem novas implicações tanto sociais como psíquicas ou existenciais. Por isso, a inquietação, defendida por Todorov, não ocorre quanto aos elementos do cotidiano e da vida comum, mas se dá pela transmutação ficcional que deles se faz. Comumente, obras fantásticas instauram e desenvolvem símbolos geradores de múltiplos sentidos, e, para isso, utilizam, em larga escala, recursos de linguagem como metáforas, hipérboles, paródias, metonímias, dentre outros. Em *O espaço reconquistado* (1993), Bella Jozef revela que a literatura fantástica explodiu na América Latina no século XX, a partir da crise dos romances modernistas e, como consequência, trouxe propostas de relativização das ideias, assertivas e valores racionais da época. Portanto, o absoluto da ciência e da tecnologia era questionado em obras de escritores, pintores, escultores, cineastas, enfim, pessoas que expressavam nas artes e por meio delas suas concepções de mundo. Nesse sentido, é viável afirmar que as produções contemporâneas do fantástico, à semelhança

do que ocorreu no passado, ainda refletem e refratam a cosmovisão do homem, manifesta nas contradições do mundo e de si mesmo por meio da fusão dos contrastes: lógico e absurdo; racional e irracional. O que se percebe no século XXI em relação à literatura do fantástico é a revitalização de imagens clássicas do sobrenatural, retomadas em profusão em obras com alto índice de tiragem, inclusive, em adaptações para o cinema, como, por exemplo, os contos de fadas e suas versões atuais. Nota-se, assim, que há uma nova apropriação de mitos e de personagens “canônicos” do *gothic fantastic*, tais como a figura do vampiro ou do lobisomem, todavia, com traços e sentidos diferenciados dos originais. Provavelmente porque os anseios e as expectativas do homem moderno diferem em muito dos desejos e ideais do indivíduo que existiu há dois séculos. Em termos de configuração formal, a despeito das diferentes linguagens e tempos, as criações do fantástico remetem ao fato de haver maneiras peculiares de organizar, construir e significar o sobrenatural em diversos contextos e suportes, feita essa que possivelmente aproxima produções díspares. O Simpósio em tela, por fim, pretende reunir trabalhos que promovam discussões e levantem hipóteses quanto aos vários engendramentos estruturais do fantástico e seus múltiplos sentidos cujos índices, escamoteados nas obras, se concretizam no ato da recepção leitora de variadas e distintas criações artísticas.

Palavras-chave: Fantástico; plurais; sentidos.

LITERATURA E EDUCAÇÃO: PROBLEMAS, PERSPECTIVAS, PROPOSTAS, PESQUISAS E PRÁTICAS

Maria Amélia Dalvi

Daniela Segabinazi

Parte-se do princípio de que literatura não é um objeto autoevidente, autotélico ou a-histórico e que educação não se restringe a espaços e tempos formais ou institucionalizados. Desse modo, em face desses parti-pris, busca acolher trabalhos de professores e pesquisadores, de distintas perspectivas teóricas e metodológicas, que: a) analisem, com interesse nas relações entre educação e literatura, textos literários nos quais se possam buscar indícios de culturas, histórias e memórias da educação ou de processos de constituição ou formação como leitor e escritor de literatura; b) proponham revisões bibliográficas ou “estados da arte” a respeito das perspectivas (teóricas e metodológicas) em circulação sobre educação literária, ensino de literatura e didática da literatura no Brasil ou no exterior; c) sistematizem reflexões a respeito dos desdobramentos das pesquisas sobre educação literária, ensino de literatura e didática da literatura na formação e nas práticas de professores (da educação básica e do ensino superior) e de mediadores da leitura e da escrita literárias (incluindo-se bibliotecários, contadores de história etc.) em espaços escolares e não escolares; d) organizem e analisem dados sobre o processo de formação inicial e continuada de professores de Literatura em distintas realidades socioeconômicas e histórico-culturais; e) analisem os antecedentes, a implementação e os desdobramentos de documentos oficiais e de políticas públicas (consignadas em siglas como PCN’s, OCN’s, BCNN, PNLD, PNBE, ENEM, ENADE, PNAIC, SAEB, Provinha Brasil, Prova Brasil, ANA, ProfLetras, PIBID etc.) para a formação e práticas de professores, para a constituição de objetos e objetivos de ensino-aprendizagem e para a educação literária dos sujeitos; f) discutam problemas e alternativas para a educação literária perspectivada pela premência de se incorporarem as histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas ao processo de escolarização formal; g) apresentem relatos e/ou análises críticas sobre a constituição de cânones e acervos literários escolares e sobre a constituição de espaços, tempos, formas e modos de mediação considerados como adequados no processo pedagógico; h) visibilizem histórias e memórias de sujeitos e/ou de instituições em face das relações entre literatura e educação, com consideração pelas culturas materiais e imateriais; e i)

reflitam sobre como as contribuições e reverberações, de um lado, da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito Estético, da Teoria Crítica, da Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin, da Desconstrução e dos Culturalismos; e, de outro, da Pedagogia Tradicional, da Pedagogia Histórico-Crítica, do Construtivismo e das teorias do Letramento se dão a ver nas relações entre Literatura e Educação, no âmbito das políticas e das ações do fazer educativo (principalmente, em escolas e universidades). Por fim, o simpósio busca ampliar e aprofundar discussões que envolvem a literatura e educação em contextos escolares ou não, e, principalmente, que tenham o propósito de apresentar problemas, perspectivas, propostas, pesquisas e práticas consoantes ao tema deste simpósio.

Palavras-chave: Didática da Literatura; Educação Literária; Ensino de Literatura.

LITTERATURAS DE LÍNGUA INGLESA: LETRAMENTO CRÍTICO E TRANSCULTURAL

Vera Helena Gomes Wielewicki

Cielo Griselda Festino

Este simpósio visa discutir o ensino de literaturas de língua inglesa no Brasil na perspectiva do letramento crítico e da transculturalidade. O tema constitui campo de estudo bastante problemático, pois a disciplina em si não existe nos currículos do ensino fundamental e do ensino médio. Dessa forma, é também desprivilegiada nos cursos de licenciatura em Letras que, em geral, preparam professores para o ensino de línguas, materna e estrangeiras, e de literatura brasileira. Entretanto, as literaturas de língua inglesa circulam no Brasil não só em suas formas impressas, em inglês, como também em traduções, adaptações e transposições, como filmes, por exemplo. Dessa forma, faz-se necessário um olhar atento para os diversos modos contemporâneos de produção, circulação e recepção de literatura, em especial da literatura estrangeira, que acontecem fora da escola, para propiciar melhor articulação entre as práticas de leitura de literatura estrangeira no Brasil e as práticas educacionais que proporcionariam melhor abordagem crítica e estética de tais textos. Para isso, teorias de letramento crítico, na formação dos professores de línguas e literaturas, podem contribuir para que tais possibilidades de leituras fossem abordadas pela escola, favorecendo também a inclusão social, de forma a possibilitar a formação de leitores críticos, mas sem hierarquias ou julgamentos de valor. Diversos modos e diversos conceitos de literatura podem coexistir, contribuindo para diversas formas de se ver o mundo, igualmente válidas. Para isso, reavaliações de conceitos de literatura, leitura e leitor, com reflexos na prática pedagógica, são constantemente necessárias. Ao mesmo tempo, o ensino de literaturas estrangeiras de língua inglesa no momento presente, de grande movimentação inter-cultural, tem-se tornado um espaço propício no qual reconsiderar as relações entre as diferentes culturas, especialmente pelo lugar preponderante que ocupa a língua inglesa (“English”), bem como as novas versões da língua inglesa (“englishes”), ou seja, as diferentes formas indigenizadas da língua que são faladas em todas as culturas que já foram colônias e, por sua vez, as diferentes manifestações literárias destas culturas (Festino, 2014). Por isso, Brydon (2009) aponta que o ensino do inglês deve chamar atenção não somente à linguagem, mas também ao seu contexto histórico, cultural e social. Por sua vez, isso se

aplica ao ensino das diferentes literaturas de língua inglesa: às chamadas literaturas *canônicas*, como a inglesa e a norte-americana, e as *novas* literaturas em língua inglesa, também chamadas *pós-coloniais*, como a canadense, australiana, nova zelandesa, sul-africana, caribenha, indiana e africana. Nesse contexto, a proposta deste Seminário é proporcionar a discussão de estratégias de leitura das narrativas literárias de língua inglesa, (tanto das canônicas, como das Novas Literaturas) a partir do Letramento Crítico e Transcultural porque essas teorias vão além das dicotomias estabelecidas por relações de comparação dicotomizadas em relações de hierarquia entre as primeiras e as segundas. Quando se tratando de traduções, adaptações e transposições, a hierarquia entre o texto de partida e o texto de chegada também é quebrada, anulando julgamentos de valor baseados nessa premissa. Em contraposição, o letramento crítico e transcultural relaciona essas narrativas por meio de uma leitura trans-cultural e trans-nacional que desconstrói a canonicidade de umas ao mesmo tempo em que reconsidera o valor literário e cultural das outras, e sugere lê-las em contraponto, não apagando, mas dando ênfase ao conflito por meio do qual se relacionam. Assim, este simpósio estará discutindo trabalhos que abordem o ensino de literaturas em língua inglesa, nos vários níveis de escolaridade, em diversos meios de circulação (livro impresso, transposições para outras mídias como cinema, TV, teatro, games, canções, etc.), na perspectiva do letramento crítico e transcultural.

Palavras-chave: literaturas de língua inglesa; letramento crítico; transculturalidade.

O RISO E O HUMOR NAS NARRATIVAS BÍBLICAS DO JUDAÍSMO E CRISTIANISMO

Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira

Felipe Marchioro Pfützenreuter

O Riso e o Humor nas Narrativas Bíblicas do Judaísmo e do Cristianismo e sua interface com a literatura Judaísmo e Cristianismo nascem e se expandem em forma literária, conhecendo diferentes estilos, temas, narrativas, negando, assim, a ideia de que religião vive somente em torno de doutrinas e dogmas. A existência da religião em forma literária significa também a existência de uma literatura em formas teológicas de grande criatividade e heterodoxia, sendo uma de suas expressões o riso e o humor. Os deuses riem e as tradições fizeram do riso e do humor dois dos seus mais importantes artificios e recursos, e isso com consequências profundas para a forma como a divindade é interpretada pelos seus seguidores. Não somente os deuses riem, mas seus seguidores riem deles e riem de si mesmos, escrevendo, dessa forma, páginas muitas vezes esquecidas pela crítica literária e pelos estudos da religião. A proposta do simpósio é reunir trabalhos que tratem desse tema tão presente nas narrativas e ainda tão pouco contemplado pela crítica literária e pelos estudos da religião. O riso e o humor não são somente fugas, mas são formas de constituir uma visão de mundo, de concepção da divindade e da própria fé, lembrando que, muitas vezes, só os que riem são capazes de produzir a revolução e imaginar mundos novos. Este pode ser um dos motivos para que as tradições acolham e cultivem o humor, para que possam preservar pedagogias que as transformem e que as façam sair de seus sedentarismos autoritários. O riso aparece muito frequentemente no texto literário associado a uma função didática e crítica, cumprindo a célebre máxima latina: “Ridendo castigat mores” (É com o riso que se corrigem os costumes).

Palavras-chave: Teologia; Bíblia; Humor.

ENTRE A TELA E O PAPEL

Maria Elisa Rodrigues Moreira

Melissa Gonçalves Boëchat

As relações entre a literatura e o cinema podem ser abordadas pelas mais diversas perspectivas, as quais recorrem também a distintos referenciais teóricos e metodológicos fundadores: fala-se em intermédias ou interartes, em tradução intersemiótica e tradução cultural e em adaptação, por exemplo. Dentro dessas perspectivas, e também pensando um pouco além dos limites conceituais, neste Simpósio tomamos o conceito de adaptação fílmica como referencial fundamental, um ponto de partida para múltiplas abordagens, pautando-nos em especial nas proposições de Linda Hutcheon – em seu já clássico livro *Uma teoria da adaptação* (Editora UFSC, 2013) – e de Robert Stam – de quem destacamos o artigo “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade” (2006). Isso não quer dizer, no entanto, que este conceito seja exclusivo e não dialogue com outros referenciais: como bem pontuou a pesquisadora canadense em seu livro, a reflexão sobre a adaptação se mostra cada vez mais complexa, evidenciando que ela é muito mais que a simples “passagem” de um determinado “texto” de um suporte a outro, configurando-se como uma leitura diversa a construir-se em outro sistema. Ainda que, neste Simpósio, nos restrinjamos a pensar a adaptação apenas em relação à literatura e ao cinema (mesmo que se possa falar em adaptação com relação ao trânsito entre os mais variados suportes, como as óperas, os discos, os parques temáticos e os jogos, apenas para mencionar alguns exemplos), entendemos que mesmo com esse recorte as possibilidades de reflexão são inúmeras, talvez intermináveis. Se, na maioria das vezes, as pesquisas acerca da adaptação abordam obras que tomam a literatura como texto a ser adaptado pelo cinema, os movimentos entre um campo artístico e o outro são muito mais variáveis, como pontuamos em algumas questões problematizadoras: a) qual é o lugar do roteiro cinematográfico na relação literatura/cinema? b) como refletir sobre roteiros que viram livros, os quais depois viram filmes? c) como pensar em filmes que viram livros? d) qual é o espaço ocupado pelo cinema no próprio texto literário? e) e, em sentido oposto, qual é o espaço do livro no próprio texto fílmico? f) como abordar as prequelas e as sequências que se desdobram a partir de um determinado texto (fílmico ou literário), mas que não são diretamente referenciadas por esse texto? g) como trabalhar com obras

que tomam por referência uma série de outras obras, tanto filmicas como textuais, construindo-se em diálogo explícito com ambas? É, pois, a pensar nos trânsitos entre literatura e cinema como vias de mão dupla – e, por que não, como duas linguagens que caminham lado a lado, embora cada uma guarde suas especificidades – que este Simpósio se propõe, acolhendo reflexões diversificadas sobre obras que envolvam, de algum modo, a adaptação, tangenciando-a teórica e analiticamente, e, inclusive, levando-nos, por vezes, a questionar o próprio conceito de adaptação como suficiente e obrigando-nos a tomá-lo de forma expandida, aproximando-o de outros conceitos, provenientes em especial dos campos da teoria da literatura e da teoria do cinema. Além disso, espera-se que possam ser propostas alternativas teórico-críticas que consigam ir além das definições já conhecidas e estudadas, em uma nova leitura das relações entre a linguagem literária e a linguagem cinematográfica.

Palavras-chave: Cinema; Literatura; Adaptação.

IDENTIDADES EM DES-LOCAMENTO NA LITERATURA: PERSPECTIVAS PÓS-MODERNAS

Alba Krishna Topan Feldman

Maria Carolina de Godoy

Com base no trabalho de autores como Hall, observamos que a identidade do sujeito da ‘modernidade tardia’ deixa de ser um todo, como o estabelecido pelo sujeito cartesiano, ou seja, está em permanente movimento de descentramento. O sujeito da modernidade tardia vem sendo deslocado de sua identidade e descentrado por vários movimentos, entre eles as teorias marxistas e freudianas, movimentos sociais como o feminismo em seus diversos aspectos, os estudos da linguagem (de Saussure) e do poder com Foucault. Os processos de colonização e descolonização, seguidos pela globalização e suas consequências no mundo provocaram ainda mais fissuras identitárias e distanciamento, seja ele geográfico/físico, psicológico, étnico, gerados pela outremização, dominação, ou uma mistura de dois ou mais fatores, estudados nas obras de autores como Aschroft, Spivak, Said, entre outros. Identidades individuais e nacionais (grupais ou coletivas) estão em permanente construção, reconstrução, interação e modificação, em conflito entre o local e o global, a homogeneização universalista e a tradição. Os movimentos descentradores sobre o indivíduo e a globalização geram sobreposição de identidades nacionais, rompimento das visões da sociedade como um sistema delimitado e os deslocamentos físicos e geográficos (diásporas), com seus desdobramentos estudados por Avtar Brah, causando diversos movimentos de des-locamento da identidade do sujeito, seja ele do Primeiro ou do Terceiro Mundo. As mudanças econômicas, físicas e geográficas colocam o contato com a diferença. Para esse estranhamento, Freud observa a transformação da identidade do familiar (*heimlich*) para o estranho, chamando-o de (*unheimlich*) ou *estranheza inquietante*. Hall define este sentimento como “a sensação familiar e profundamente moderna de des-locamento, a qual – parece cada vez mais – não precisamos viajar muito longe para experimentar. Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Queda, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, “não estamos em casa”. (HALL, 2003, p. 27). Como reflexo da cultura, a literatura mostra essas identidades fraturadas, marcadas pela diáspora, pelo hibridismo e pelo enfraquecimento de visões de grupos sociais delimitados e de fácil classificação, assim como questiona a ideia de identidades

cristalizadas. Seguindo essa linha de raciocínio, o objetivo do presente Simpósio é discutir como as identidades em des-locamento são apresentadas nos diversos gêneros literários. Serão bem-vindas as análises de obras que demonstrem processos de diferenciação racial, de gênero, cultural, de etnia, entre outros e seus efeitos sobre a construção ou modificação das identidades. Atualmente, é impossível observarmos a literatura apenas como sinal de um gosto estético dentro do texto em si, e esta visão mais ampla deriva de novos instrumentos de análises, como a crítica pós-colonial, os estudos de crítica feminista, entre outros. Nosso foco recairá especialmente sobre autores afro-brasileiros, africanos de língua portuguesa e de língua inglesa, e escritores de temática pós-colonial em geral de todos os países do mundo, em língua inglesa ou portuguesa, traduzidos ou não.

Palavras-chave: Identidades; Des-locamento; Literaturas pós-coloniais.

ESTUDOS DA PAISAGEM NA LITERATURA PORTUGUESA: POESIA E NARRATIVA

Clarice Zamonaro Cortez

Maria Natália Ferreira Gomes Thimóteo

O Simpósio *Estudos da Paisagem na Literatura Portuguesa: poesia e narrativa* pretende suscitar reflexões críticas sobre estudos da paisagem na produção de poesia e narrativa na Literatura Portuguesa, considerando a experiência do espaço e da paisagem como maneiras de ver e escrever literatura. O tema é estimulante e tem sido discutido, atualmente, em grupos de pesquisa e textos acadêmicos tanto nas universidades brasileiras quanto nas portuguesas. Valverde (1949, p.576), ao referir-se às cantigas de amigo e às paisagens naturais que compõem o seu cenário, afirma que “*la contemplación de la naturaleza suscita la emoción amorosa y la saudad*”, considerando que certas situações sentimentais associam-se à paisagem natural e à vida histórica do Ocidente Peninsular. Nas cantigas de amigo, o cenário (ao ar livre) situa-se facilmente nas ribeiras, nos arvoredos de pinheiros, castanheiros e avelaneiras. As aves cantam ou escutam o queixume da jovem apaixonada, interpretam seu sentimento e, por vezes, até respondem as indagações saudosas. Camões, poeta do século XVI compôs, em suas *Rimas*, espaços e paisagens imaginados. O mito paradisíaco, presente em todas as culturas, o *locus amoenus*, presentifica-se na produção épica e lírica camoniana. A tradição clássica foi revivida pela literatura produzida na época, retomando-se o tema da Idade de Ouro, com algumas alterações. Os humanistas, anteriormente, já haviam concretizado um retorno a esse período idealizado pelos antigos, não significando apenas um simples regresso a um estado de natureza mítica, mas uma reprodução fiel do espírito de ouro - a *aurea ingenia*. A poesia portuguesa dos séculos subsequentes e a produzida nos anos 70 à atualidade apresenta a configuração e a desfiguração da paisagem de caráter urbano, num discurso imagético, no qual, segundo Alves (2008), “a visualidade pode ser considerada mais do que um efeito do enunciado e sim uma experiência representativa da própria construção da linguagem lírica e um meio de problematização da subjetividade e da identidade que, no poema, também se configuram ou se desfiguram a partir de experiências comuns do cotidiano.” Assim sendo, desde a produção poética medieval à produção poética mais recente, a discussão intensificada sobre lirismo e subjetividade assenta-se em imagens individuais, locais,

regionais e nacionais, que se deslocam e se reconstituem. Do mesmo modo, espaço e paisagem apresentam-se na narrativa, partindo do estudo da categoria do espaço na formulação crítica da paisagem como estrutura de interação cultural, conforme vem sendo discutida e reavaliada nos estudos literários, bem como em outras diferentes áreas de interesse, como a Geografia, a História, a Filosofia e a Antropologia. Segundo Oliveira e Marandola Jr (2010, p.122) “(...) geografia e espaço não são sinônimos, mas a ciência geográfica centrada no espaço possui conceitos e um método próprio que produz um discurso sobre o espaço que se abre ao diálogo interdisciplinar.” Exemplificando, as relações entre um país colonizador e seus espaços colonizados são, sem dúvida, sempre muito complexas, repletas de violência, acordos, traumas e de toda sorte de aproximações e enfrentamentos. Nossa tarefa neste simpósio, portanto, será refletir sobre a valorização da perspectiva diacrônica, as ressignificações do passado e da tradição, também as viagens, os olhares e as paisagens que propõem reflexões sobre os deslocamentos, as partidas e as chegadas, os lugares e seus entornos, as práticas de reconhecimento e de estranhamento do outro e de si próprio, além das experiências do olhar e do contato presentes na poesia e na narrativa produzidas na Literatura Portuguesa.

Palavras-chave: Paisagem; Poesia; Narrativa

MEDIAÇÃO DE LITERATURA NA ESCOLA: TEORIAS E PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS

Ana Cláudia e Silva Fidélis

Marcos Vinícius Scheffel

Uma rápida conversa com jovens egressos da educação básica brasileira – de escolas públicas e particulares – pode revelar cenários bastante preocupantes sobre o ensino da literatura: a não-indicação de livros, a leitura apenas dos textos que constam do livro didático ou de apostilas, a substituição da literatura por simulacros de leitura, o forte caráter transmissivo das aulas de literatura apoiadas na historiografia literária, a leitura como objeto de trabalhos e avaliações sem que haja qualquer diálogo / análise sobre as obras indicadas. Nesse sentido, assistimos à repetição de práticas que não contribuem para formação de leitores por desconsiderarem a leitura como um diálogo, o aluno como um sujeito ativo no processo de construção de sentidos e a linguagem como um campo do simbólico e do contato com o mundo e com o outro. Assim, tanto as práticas de leitura literária no ambiente escolar quanto as concepções que as embasam apontam num sentido inverso ao das orientações oficiais, que datam do final dos anos 90, e das reflexões teóricas produzidas nas últimas décadas sobre o ensino da literatura que enfatizam a importância do professor como mediador de leituras possíveis por parte dos alunos-leitores, incentivando não apenas o contato com o texto, mas, sobretudo, possibilitando que o trabalho com a linguagem literária reassuma um lugar de importância no processo formativo dos estudantes – como possibilidade de escrita, construção de valores apreciativos, ampliação de repertório cultural, sentimento de pertença a uma comunidade de leitores, contato com a tradição e ampliação desta, diálogo com variadas manifestações culturais (GERALDI 2011; COSSON 2012; COSSON 2013). Apesar de cenário aparentemente desolador no que se refere à condução da leitura literária no espaço escolar, é possível, ainda que de maneira difusa, perceber um movimento em busca de novos caminhos por parte dos professores de literatura (e de língua portuguesa no que tange ao eixo leitura). Caminhos esses que permitam um contato significativo com o universo literário, em que o diálogo com a linguagem na forma de texto e com o repertório cultural e simbólico contribuam para uma formação leitora real

Considerando esse movimento em busca de novos modos de encaminhar o ensino de literatura e a prática da leitura literário, o presente seminário pretende focar em práticas significativas de formação de leitores, como forma de, pela reflexão e compartilhamento, possibilitar que esse movimento possa ganhar mais força e forma. Afinal, essas práticas estão presentes no contexto escolar, em projetos de formação de leitores, em rodas de leitura, em programas governamentais (existentes como o PNBE ou extintos como o *Literatura em minha casa*) e em cursos superiores preocupados com a formação de professores capazes de entenderem seu papel de mediadores e fomentadores da leitura. Tais práticas significativas articulam-se com reflexões teóricas recentes a respeito da leitura / interpretação / recepção da literatura por crianças e jovens.

Palavras-chave: ensino de literatura; letramento literário; mediação de leitura.

AS TRANSFORMAÇÕES DA FICÇÃO ROMANESCA EM PORTUGAL E NO BRASIL

Jacob dos Santos Biziak

Jaison Luís Crestani

Considerar a história das transformações da ficção romanesca significa, em certa e ampla medida, considerar a história da sociedade em que ele mais significativamente se desenvolveu: a burguesa. Mais de um autor – como Hegel, Lukács, Bakhtin, Luiz Costa Lima e Franco Moretti – chama a atenção para o caráter dessa forma literária como expressão da relação complicada entre herói, protagonista, e o mundo, assumindo, paulatinamente, a representação de valores típicos da burguesia, onde habita o “herói problemático”.

Dessa forma, o romance, ao contrário da epopeia, consolida-se como gênero não terminado, uma vez que representa um mundo inacabado, sem possibilidade de fechamento. Enquanto isso, ao contrário, a epopeia clássica representaria um mundo fechado, espaço onde se desenvolve o herói coletivo. Diferentemente, no romance, o protagonista ou herói passa a viver um processo de autoconhecimento, de tentativa de significar a experiência vivida interiormente por ele e não só exteriormente. Paulatinamente, as maiores batalhas vividas pelos personagens da ficção romanesca são as internas, as da autoconsciência, da subjetividade.

Justamente as características anteriormente elencadas são as que denotam o caráter inacabado do romance, mais fortemente sujeito ao processo de transformação ao longo do tempo. Inclusive, faz sentido falarmos em ficção romanesca uma vez que, por muito tempo, esses dois termos foram tomados como sinônimos e não são. Em outras palavras, ressaltar o termo “ficção romanesca” pode significar repensar a relação entre um gênero, o romance, e suas relações problemáticas e problematizantes com a mimesis, a representação da realidade.

Pensando assim, a interlocução construída, ao longo dos anos, com o romance foi sendo transformada, renovada, revisitada, parodiada: entre autor e gênero literário, público e obra, obra e realidade(s), concepção de linguagem e realidade(s) e assim por diante. Por consequência, de fato, o romance foi redefinindo suas fronteiras em relação à ficção, à representação da realidade. Logo, não só a estrutura do mesmo foi sendo repensada

como, inclusive, o papel da escrita, a metalinguagem, a encenação na obra do ato de produção da mesma, passaram a constituir matéria-prima romanesca. Escrever também passou a ser entendido como ficção. Então, por exemplo, mesmo obras reconhecidamente biográficas passaram a ser reinterpretadas como ficção, já que se assumem como visões do real e não como textos de sentido fechado. Assistimos a um processo de transformações não somente no plano de conteúdo, mas, também, no de expressão, de forma que este passa a incorporar e a se misturar com aquele. Estrutura e conteúdo – de maneira progressivamente polêmica, inquietante – passam a clamar um pelo outro na interpretação global da obra.

Portanto, esse simpósio busca refletir sobre essas transformações da ficção romanesca em literatura portuguesa e brasileira: das obras anteriores ao século XIX, passando por este século, atingindo as múltiplas transformações do século XX e XXI: o romance vanguardista, o de fluxo de consciência, as biografias, o de mistura entre ficção e jornalismo, a autoficção, os hibridismos, enfim. Trata-se de um momento de reflexão do potencial do gênero frente à representação da realidade nas diversas configurações desta.

Palavras-chave: Ficção; Romance; Transformações.

A LITERATURA JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE: E AGORA, JOSÉ?

Vera Teixeira de Aguiar

Alice Áurea Penteado Martha

Apesar do peso significativo que possui atualmente a literatura para os jovens no campo editorial, movimentando cifras consideráveis, da vasta produção de títulos em níveis de literariedade dos mais artísticos aos mais “comerciais”, dos vários autores já consagrados ou novatos que produzem na área, da legitimação que a literatura juvenil acaba por receber de diferentes instituições (prêmios, diretrizes curriculares, disciplinas de graduação e pós-graduação, congressos), é possível constatar que a pesquisa sistemática sobre o assunto é ainda precária, o que propicia uma reflexão sobre a posição da literatura juvenil no sistema literário brasileiro. Há enorme trabalho a realizar na área, tanto no sentido da pesquisa teórica e crítica, quanto daquela voltada para a questão da leitura e a superação gradativa dos problemas relativos à formação de leitores literários permanentes, o que justifica a proposição deste simpósio, empenhado em compreender melhor o texto juvenil nas suas múltiplas dimensões, bem como os modos de sua produção, circulação e recepção na contemporaneidade, quando outros suportes convivem com os livros na vida do jovem. Frente ao exposto, o simpósio receberá trabalhos que levanten obras que circulem sob a rubrica de literatura juvenil; debatam seus elementos estético/formais; realizem reflexão sistemática sobre a existência de um específico juvenil no campo mais amplo da literatura; discutam e proponham questões relativas ao ensino da literatura juvenil; analisem o processo de mediação e recepção dos textos literários no contexto escolar, em suas múltiplas variáveis; discutam políticas públicas voltadas à leitura de obra.

Palavras-chave: : Literatura juvenil ; mercado editorial; contemporaneidade.

NARRATIVAS, NARRATIVAS, ESPINGARDAS, ESPINGARDAS

Marisa Corrêa Silva

Acir Dias da Silva

Filósofos da Escola de Frankfurt, como Adorno e Benjamin, já postulavam a característica do romance, enquanto gênero narrativo por eles enfocado, de se autotransformar e se autorrenovar constantemente, de modo que acompanhasse os grandes temas sócio-político-econômicos e refletisse não apenas os discursos vigentes mas, em especial em sua forma, apresentasse uma visão crítica desses mesmos discursos, oportunizando uma relação dialética com o próprio contexto de produção, o que lhe garantiria, na visão desses pesquisadores, permanência artística e relevância .

Embora Adorno e Horkheimer, em especial, tivessem desconfiança em relação ao cinema, uma vez que, sendo uma forma de comunicação de massa, essa arte seria particularmente propícia a veicular o discurso dominante da Indústria Cultural, é necessário atualizar essa desconfiança com as palavras contemporâneas de Žižek, que considera que mesmo – e principalmente – os filmes mais aparentemente tolos e descomprometidos com qualquer pretensão que não a do entretenimento podem trazer em seu bojo o que o esloveno chama de “verdades silenciadas” por obras aparentemente mais rebuscadas. Como exemplo, ele cita *Abraham Lincoln: caçador de vampiros*, de Timur Bekmanbetov, o qual traz, de forma simbólica, o comprometimento dos negros estadunidenses e suas lutas pela abolição da escravidão, ao contrário do “mais sério” *Lincoln* de Spielberg, que omite cuidadosamente essa mesma luta de sua narrativa, tornando a abolição uma luta exclusivamente de brancos bem intencionados: os escravos e libertos seriam, destarte, apenas objeto dessa luta e não seus sujeitos.

Seguindo essas linhas de pensamento, propomos que os gêneros narrativos, em seus mais diversos *media*, configuram-se como espaços privilegiados para a representação das contradições das sociedades contemporâneas. Armas, portanto, a serem disparadas para alertar as consciências críticas. Tal representação não vem necessariamente na superfície de suas diferentes textualidades e sim no jogo da forma. Em outras palavras, o que se encontra na superfície diegética (ações, discursos inflamados, personagens-tipo usadas com *exempla* etc.) pode parecer questionador, mas vir embutido em formas coercitivas e autoritárias, ao passo que discursos superficiais aparentemente alienados

e/ou não-combativos podem vir no bojo de formas que obriguem o leitor/espectador a se inquietar perante o mundo em que vivem e perante as contradições profundas evidenciadas nas profundidades da obra narrativa.

O nome do simpósio faz uma referência ao romance não completado de José Saramago porque tem como objetivo reunir pesquisas, encerradas ou ainda em progresso, que a) contemplem narrativas literárias, filmicas, fotográficas etc., cujo potencial para questionar e repensar a realidade e o *status quo* vigente fique evidenciado em sua abordagem e/ou b) podendo ser abertas, utilizem metodologia de ponta, com teóricos cuja obra tenha ganho peso no Brasil – ou em países de língua portuguesa - no século XXI ou que ainda não tenham sido publicados no país. Nesse sentido, também serão bem-vindas pesquisas comparatistas, no sentido ampliado do termo.

Palavras-chave: Narrativa; Imagem; Criticidade.

O TEATRO NO CAMPO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS

Alexandre Villibor Flory

Sonia Pascolati

Trata-se de uma constatação afirmar que o teatro tem recebido pouca atenção no campo dos estudos literários no Brasil, ontem como hoje. Essa negação não ocorre somente tendo em vista o teatro como forma artística constitutivamente intermidial, como texto e cena, pois mesmo a sua redução à literatura dramática recebe atenção apenas pontual, em vez de sistêmica. Isso sem prejuízo do gênero dramático ser considerado por todos como um dos três gêneros literários, o que leva ao questionamento dos motivos que levam a essa situação, e à discussão sobre a sua pertinência.

Se é verdade que o romance, e por consequência o gênero épico-narrativo, é uma forma muito adequada para expressar questões relativas à ascensão do mundo burguês a partir da revolução industrial e da revolução francesa no século XVIII, isso não impede que gêneros como o lírico e o dramático consigam estar à altura do tempo histórico. O teatro também soube falar em prosa e voltar-se para problemas da dimensão do indivíduo burguês, como se vê pelo teatro realista francês, como ainda articulou uma crítica veemente ao enunciado dessas formas burguesas, como é o caso do teatro expressionista, do teatro épico, do teatro do absurdo, entre outras possibilidades.

No campo específico do teatro brasileiro, temos desde influxos barrocos e medievais no teatro de José de Alencar ao diálogo entre a tragédia clássica e o romantismo na obra de Gonçalves de Magalhães, ao mesmo tempo em que Martins Pena criava nossa importantíssima comédia de costumes costurando várias tradições europeias (de Gil Vicente ao entremez ibérico) com relações sociais brasileiras, para ficar apenas em exemplos até a primeira metade do século XIX. Depois disso tivemos o teatro realista de cunho moralista de José de Alencar, a dramaturgia instigante de Machado de Assis, os gêneros cômicos considerados rebaixados (e, por isso, desprezados pela crítica) como a Opereta, a Revista de Ano e a Burlata, que consagraram autor tão fundamental quanto pouco lido e discutido como Artur Azevedo. O século XX viu, numa lista que não tem nenhuma pretensão de esgotar o tema, o teatro de Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, Jorge Andrade, Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri, Vianinha, Dias Gomes; grupos de teatro como o Arena, o CPC, o Oficina, o Opinião, chegando nos dias

de hoje ao Galpão, à Cia do Latão, à trupe de atadores Ói nós aqui traveis, entre muitos outros que atestam sua vitalidade e atualidade nos tempos que correm.

Essas questões podem ser debatidas nos vários níveis em que se desenvolve a pesquisa acadêmica, ou seja, em termos de história, teoria e crítica. Há uma história do teatro brasileiro que seja significativa e cujo estudo seja produtivo? Quais as implicações disso para a teoria literária frente às especificidades da teoria teatral? E como pensar o espaço da crítica teatral, que é tanto literária, propriamente dita (quando toma como objeto o texto) quanto interartes (ao remeter à relação entre texto e cena)? Derivado dessas questões, qual o papel do teatro no cenário brasileiro atual? Qual a relação entre teatro e sociedade? Quais as especificidades desse trabalho com teatro e de que forma sua relação com outras formas literárias contribui para o estudo de ambos? Esses são alguns tópicos cuja discussão será acolhida por este simpósio.

Palavras-chave: Teatro brasileiro; teatro e sociedade; história do teatro.

LÍNGUA/LITERATURA EM DIÁLOGO: INTERMIDIALIDADE E TRANSLAÇÃO ENTRE MÍDIAS

Ana Luiza Ramazzina Ghirardi

Paulo Roberto Massaro

A partir das noções de midialidade e intermidialidade adotadas por GAUDREAULT e MARION (2012), este simpósio tem como objetivo discutir a cisão entre língua e literatura observável atualmente no espaço acadêmico brasileiro. Segundo os autores, todo narrador ao iniciar uma escritura descobre um novo mundo a partir do desconhecido, criando um material que se cristaliza em ficção através da “opacidade” textual. Ele articula um diálogo entre ideia/materialidade, história/mídia; uma interação entre narrativa e meio de expressão escolhido dentro do processo de criação. A narrativa, através da linguagem verbal, encontra uma materialização natural que representa um primeiro processo na escrita, mas que também pode se re-concretizar dentro de outras mídias como o cinema, a televisão, a HQ etc., que entrelaçam intersemioticamente signos verbais e não verbais, sendo esses últimos de naturezas diversas, constituindo, portanto, uma nova obra autoral. De acordo com os modos como explora, combina e multiplica materiais de expressão “familiares” (ritmo, movimento, gestos, música, discurso, imagem, escrita), cada mídia “possui sua própria energética comunicativa.” (2012) Assim, cada projeto narrativo pode ser considerado em termos de midiagenia: narrativas têm a possibilidade de serem escritas ou reescritas quando associadas a outros veículos midiáticos. Para além do veículo, é importante destacar ainda duas reflexões que devem subsidiar pesquisas na área: a articulação de textos literários em outros sistemas semióticos desloca tanto o conceito de criação quanto o de recepção. É preciso igualmente reconhecer que, nesse movimento em direção a outra mídia, língua e literatura são componentes de um único cenário e representam dois aspectos de um mesmo fenômeno: a literatura é uma manifestação específica que supõe a língua. De fato, a fronteira entre os dois enfoques - o literário e o linguístico - é de tal natureza que impede que sejam entendidos como territórios estanques. Língua, em todas as suas manifestações, representa o lugar da construção de negociação de *sentidos*. Nas palavras de Maingueneau, “uma reflexão sobre a enunciação permite passar sem solução de continuidade do texto como agenciamento de marcas linguísticas, ao discurso literário como atividade regulada por instituições de palavra.” (2007, tradução

nossa). Ao se compreender a especificidade do uso da linguagem no gênero literário, é possível perceber as possibilidades de um tipo de funcionamento da língua que permite entender a lógica de construção de outros usos da linguagem, entre eles as novas mídias. A compreensão do literário como gênero passa então pela compreensão de usos específicos de recursos e matizes que estão presentes em outros gêneros de uso da língua. É possível assim explicitar, a partir da perspectiva da midiagenia, a ausência de barreiras efetivas entre os dois campos e compreender a língua não como neutra e estática mas como objeto de permanente transformação, sobretudo quando evolui para outros meios, outras mídias e outros sistemas semióticos. Levando-se em conta a premissa de que língua e literatura representam dois aspectos de um mesmo fenômeno e que esse é o ponto de partida para possibilitar uma transferência de mídia a partir da especificidade da opacidade do texto literário, este simpósio pretende discutir as formas pelas quais ocorre essa “translação” da linguagem de uma mídia para outra, os obstáculos a serem enfrentados, bem como as razões para o sucesso ou insucesso desse tipo de translação.

Palavras-chave: língua/literatura; intermedialidade; translação.

LEITURA LITERÁRIA: SUPORTES E GÊNEROS

Elianeth Kanthack Hernandes

Renata Junqueira de Souza

As reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita têm sido permeadas, contemporaneamente, pela discussão sobre a importância da presença de diferentes e diversos gêneros literários e suportes em sala de aula. Tal presença contribui para o desenvolvimento de diferentes habilidades presentes no ato de ler e que precisam ser fomentadas desde a mais tenra idade. Ao mesmo tempo, a leitura do texto literário na escola tem sido tema de várias literaturas. Houve na última década uma crescente produção de livros para crianças de 0 a 5 anos, como livros brinquedos, livros de pano e de plástico, poesias infantis, livros cartonados e livros com cheiro e com estimulação sonora – musical ou com ruídos incidentais. Editores, autores e ilustradores têm ampliado os gêneros literários voltados para crianças que se encontram cursando as séries iniciais do Ensino Fundamental, disponibilizando no mercado livros de contos de fadas, lendas, cordel para crianças, histórias em quadrinhos, poesia, livros em séries para todos os públicos. Ainda, ao segmento de público adolescente e jovem, alunos das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, tem sido oferecida uma gama cada vez mais variada e maior de títulos – nacionais e estrangeiros – que se desdobram em suportes audiovisuais e digitais como e-games e blogs. Se o mercado editorial brasileiro tem se preocupado em ampliar tanto quantitativa, quanto qualitativamente os gêneros literários e suportes, as políticas públicas de leitura como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) também têm selecionado uma diversidade de livros, de vários gêneros literários para compor os acervos de creches, escolas de educação infantil e de Ensino Básico brasileiras. Neste contexto, constata-se que hoje temos um número maior de obras que podem ser lidas pelas crianças, adolescentes e jovens seja em casa, com auxílio dos pais, seja em bibliotecas escolares, ou na escola, ou ainda em bibliotecas comunitárias, de clubes recreativos ou de outros tipos de organizações. Entretanto, um problema, ainda afeta a leitura da obra literária em espaços escolares, quando esses espaços por meio de seus sujeitos orientam a leitura do texto literário pelo viés da pedagogia, ou seja, fazem desses textos pretexto para o ensino de alguma disciplina curricular, enaltecendo a função de instrumento para outro fim, que não aquele da criação artística. O uso do texto literário adquire desta forma um caráter

didático e tem sua especificidade anulada enquanto arte. Se por um lado isso acontece porque os professores não tiveram formação para o uso adequado de gêneros literários na escola, por outro, as universidades já oferecem nas grades curriculares de seus cursos a disciplina Literatura Infantil e Juvenil que pode auxiliar futuros professores a compreenderem as características do texto literário evitando assim sua didatização. Este simpósio tem como proposta reunir experiências de ensino, bem como, de práticas da leitura e compreensão do texto literário envolvendo diversos gêneros e tipos (do livro brinquedo aos livros em séries), e suportes destinados a crianças, adolescentes e jovens, seja experiências em sala de aula, bibliotecas escolares, ou ainda com estudantes que se preparam para ser professores. Nosso objetivo maior é identificar e divulgar experiências de leitura enriquecedoras, em que a literatura se mostre como uma realidade possível, ativadora da imaginação e do conhecimento do outro e de si mesmo.

Palavras-chave: Literatura; Leitura Literária; Gêneros textuais; Ensino Aprendizagem; Suporte.

VISÕES LITERÁRIAS DO SÉCULO XIX FRANCÊS

Laura Brandini

Fábio Lucas Pierini

O século XIX literário na França é de uma riqueza ímpar, de que tantos autores considerados clássicos da literatura mundial são testemunha: Hugo, Balzac, Baudelaire, Stendhal, Laforque, Flaubert, Lamartine, Chateaubriand, Verlaine, Zola, Rimbaud, Dumas, Mallarmé, entre outros. Para além dos grandes nomes, escritores menos conhecidos guardam preciosidades, como a invenção do poema em prosa por Aloysius Bertrand, com *Gaspard de la Nuit* (1842), ou o grande sucesso de massa obtido por *Les Mystères de Paris*, de Eugène Sue, publicado em folhetim entre 1842-1843, ou ainda a inovação do romance de ideias, com *Le Disciple* (1889), de Paul Bourget. Na crítica, Charles-Augustin Sainte-Beuve, Hippolyte Taine, Émile Faguet, Jules Lemaître, André Suarès, Ferdinand Brunetière e Gustave Lanson têm obras que evidenciam não só os grandes leitores que eles foram, contribuindo com seus métodos para o desenvolvimento do discurso crítico, como também seu talento na escrita. Já o fim do século XIX francês é agitado por obras do decadentismo de autores como Joris-Karl Huysmans, Léon Bloy, Ernest Halé ou pelo ocultismo de Éliphas Lévy, Joséphin Péladan e Barbey d'Aurévilly, que criam um clima de autocritica dentro da própria criação literária, inicialmente em narrativas que questionam se de fato a arte representa uma imposição da vontade do ser humano sobre a realidade, mesmo implicando que o próprio criador possa ser vítima de sua obra, do que dão provas as narrativas fantásticas do período, produzidas por escritores como Marcel Schwob, Henry de Régnier ou Jean Lorrain. O fim do século XIX, ao contrário do que a leitura dessas obras possa levar leitores menos habituados a ela a pensar, não teria sido uma época de exceção, mais sim, conforme Jean-Baptiste Baronian e Roger Bozzetto afirmam, o processo de uma modernidade em construção. Seguindo o curso da história, escritores e críticos do século XX configuraram-se como herdeiros desse século de encanto pela História e pela técnica. O modernismo dos caligramas de Apollinaire deve tudo a Mallarmé, o romance proustiano dialoga com a tradição de Balzac e com a inovação de Bourget, Barthes vê na escrita e reescrita obsessivas de Flaubert um “artesanato do estilo”, etapa crucial em sua história das formas que é *Le Degré zéro de l'écriture* (1953), a recente voga autobiográfica que inundou as livrarias francesas teria no personalismo romântico um avatar ilustre? E o

que seria do Surrealismo e dos movimentos de vanguarda sem o impulso decadentista sobre as relações da obra de arte com o mundo real e da mente criadora com a identidade psicológica e social do artista? Findo o século XX, é hora de um balanço da produção literária do século XIX: que olhares autores do século XX lançaram sobre a literatura francesa do século de Hugo? Como escritores leram obras do século XIX e delas se apropriaram? Que leituras críticos fizeram tanto de autores prestigiados, como de autores menos conhecidos? Como elas contribuíram para a atribuição de valor às obras e, conseqüentemente, para o maior ou menor reconhecimento de um escritor? Esperamos receber propostas de comunicação que se interroguem sobre as visões que escritores e críticos do século XX projetaram sobre a literatura francesa do século XIX em sua diversidade de gêneros – poesia, prosa, teatro, crítica.

Palavras-chave: Literatura francesa; Século XIX; Herança literária.

FIGURAÇÕES DO ESPAÇO NA NARRATIVA LATINO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

Weslei Roberto Cândido

Altamir Botoso

O presente simpósio tem por objetivo reunir trabalhos acadêmicos que versem sobre a construção do espaço latino-americano nas diversas formas narrativas contemporâneas: romances, memórias, diários, contos, novelas e relatos. A literatura pela capacidade de representação do mundo possui estratégias diversas para se remeter à realidade que cerca os escritores. Desta forma, pretendemos discutir como o espaço latino-americano sofre distorções, recriações, releituras nas formas narrativas e como esta operação de deglutição cultural, em que se cruzam diversas contribuições advindas de empréstimos e imposições europeias, indígenas, negras, de grupos deslocados de seu lugar original de nascimento, proporciona a vivência de variados imaginários, que compõem o mosaico da cultura latino-americana. Portanto, o espaço onde ocorrem essas narrativas deve ser discutido pelos proponentes das comunicações. A geografia americana: os pampas, o deserto, as fronteiras, as cidades estão no centro das discussões dos textos que componham este simpósio. Pretendemos, assim, discutir como o espaço se torna o centro de criação dos autores latino-americanos, tomando o seu local de enunciação como o ponto nevrálgico para expor problemas de fronteiras, identidades, centros e periferias que se (re)configuram constantemente, mostrando as oscilações entre o desejo de pertencer a esse bloco da América ou evadir-se dele, reencontrando a identidade latino-americana pelo processo de afastamento geográfico, o que gera também a imagem de uma América Latina, muitas vezes, estereotipada e relativizada, na qual os leitores não se reconhecem nas representações literárias, uma vez que são vistos de fora por quem, teoricamente, deveria habitar o mesmo espaço, mas opta pelo olhar enviesado de quem foi exilado ou se auto-exilou, a fim de obter a liberdade necessária para produzir um pensamento crítico sobre a América Latina. É o caso de inúmeros escritores que sofreram com os processos ditatoriais que se espalharam pelo continente, escrevendo romances sobre a ditadura, expondo as mazelas ocasionadas pelos regimes ditatoriais latino-americanos. Se essas literaturas denunciam um período história de extrema violência e abuso contra os habitantes desse bloco do continente, também trazem o desconforto por tratar do tema fora do país onde ocorria o problema, portanto,

uma literatura que lida com ressentimentos por parte de quem partiu, mas também por parte de quem ficou e enfrentou a política repressora dos ditadores americanos. Assim, o presente simpósio acolherá comunicações que discutam a América Latina como espaço de conflitos identitários, políticos, geográficos, ideológicos, que lançam os sujeitos que habitam esses países em constante (re)composição de suas identidades. Por isso, a análise das diversas formas literárias trará à tona as bifurcações culturais que enfrentam os leitores, e também os escritores ao ter de se confrontar com o espaço latino-americano, que se torna centro das preocupações intelectuais para uma pergunta ainda não respondida após tantos anos embates: o que é ser latino-americano?

Palavras-chave: narrativa; espaço; América Latina.

VEREDAS DO MITO NA LITERATURA

Cíntia Renata Gatto Silva

Eliane Batista

Vários são os teóricos, das mais diversas áreas, filosofia, antropologia, teologia, literatura, entre outras, que, ao longo do tempo, encontraram no mito uma possibilidade de desvendar os mistérios da existência humana, desde as sociedades primordiais até a atualidade, pois basicamente não há um campo do saber que não seja passível de uma abordagem pelo viés mítico. Se fizermos uma breve explanação acerca das considerações sobre o mito, realizadas por renomados estudiosos sobre o assunto, veremos que o termo possui certa complexidade e trilha “um terreno movediço, de ideias sempre discutidas e discutíveis”, nas palavras de Carvalho (2008). Como ponto de partida, o *mythos*, surgido em solo grego, foi e continua sendo alvo de incontáveis debates, na esfera filosófica, acerca de sua relação com outro termo grego, o *logos*. A distinção feita, inicialmente, entre esses dois termos, pelos filósofos da Antiguidade, teria sido responsável pela banalização do termo mito, ocorrida ao longo do tempo, uma vez que a este sempre era atribuído o sentido de narrativa falsa, mentirosa, em oposição ao discurso verdadeiro, relacionado ao *logos*. Há cerca de alguns anos, porém, muitos teóricos têm-se embrenhado na missão de resgatar a importância fundamental que o mito desempenha para a existência humana, particularmente na literatura. No capítulo VI da *Poética*, Aristóteles dá a definição de tragédia e enumera seus elementos constitutivos, a saber: espetáculo cênico, melopeia, elocução, mito, caráter e pensamento. De todos esses, considera o mito (*mythos*) o mais importante, pois este seria a organização dos fatos, a gênese do enredo, o embrião temático da narrativa ficcional. Eliade (1963) nos ensina que o mito constitui-se a narração de uma ‘criação’, de como uma coisa foi produzida, como começou a existir, graças aos feitos dos seres sobrenaturais, instaurando-se no campo do sagrado. Jolles (1976) nos explica que o mito tem um caráter de resposta às perguntas feitas pelo homem, diante dos fenômenos do universo que lhe são desconhecidos. Para Campbell (2008), a mitologia possui uma função psicológica, pois o mito deve fazer o indivíduo atravessar as etapas da vida, do nascimento à maturidade, depois à senilidade e à morte, tudo isso em comum acordo com a ordem social do grupo desse indivíduo, em comum acordo com o mistério estupendo. Frye (2000, p. 41) destaca que, apesar de o termo mito ser uma concepção

que atravessa muitas áreas do pensamento contemporâneo, em crítica literária não há outro meio de explicá-lo a não ser conferindo-lhe legitimamente o *status* de elemento integrante da literatura: “a mitologia, como estrutura total, que define as crenças religiosas, as tradições históricas e as especulações cosmológicas de uma sociedade, é a matriz da literatura. Em cada época, poetas que são pensadores (que pensam por meio de metáforas e imagens) e que estão profundamente preocupados com a origem, o destino ou os desejos da humanidade, dificilmente conseguem achar um tema literário que não coincida com um mito”. Motta (2006, p. 18) salienta que, na modernidade, a narrativa, de forma cíclica, empreende “um percurso de retorno às fontes matriciais da tradição, buscando a infância perdida da semente mítica”. Tendo em vista essas considerações, poderíamos dizer que a narrativa literária empreende um caminho de ida e de volta. De ida, pois parte dos mitos sacros; e de volta, uma vez que, na modernidade, tende a retornar a eles, mas de maneira totalmente transformada, pelo engenho de seus autores, em uma linguagem artística e ficcional, traços essenciais que a particularizam. Nessa perspectiva, o presente simpósio tem como objetivo agregar estudos que abordem textos literários pertencentes à tradição mítica, nos quais podemos perceber a retomada ou a releitura de mitos provenientes de diversos povos e culturas. A simbologia presente nesses textos e as infindas veredas pelas quais o mito se revela constituem o ponto central desse simpósio.

Palavras-chave: Mito; Literatura; Veredas.

MÍDIAS, TECNOLOGIAS E NOVAS LINGUAGENS: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS DO CAMPO LITERÁRIO

Márcio Roberto do Prado

Jaime dos Reis Sant'Anna

A popularização do acesso ao ciberespaço e a demanda cotidiana por novas plataformas comunicacionais e midiáticas exigem a constante reflexão acerca do surgimento de novas dinâmicas na construção de textos. No que tange, de modo especial, aos textos literários, tais dinâmicas trazem consigo diversas implicações, dentre as quais destacamos aquelas ligadas à elaboração de conceitos que buscam elucidar os aspectos referentes não apenas à produção da literatura, mas também no que diz respeito a sua assimilação por novos e/ou outros públicos e a sua disseminação por meio de novos suportes midiáticos. O presente simpósio pretende discutir elementos teóricos que contribuam para situar a literatura no cenário contemporâneo, aproximando-a criticamente de outras mídias e artes com as quais convive (quadrinhos, games, filmes, etc.) e com os novos meios de produção e recepção da obra de arte literária (como nos casos das fanfictions, dos fóruns, dos blogs, dentre outros). Daí o interesse pelas discussões que envolvam a busca da literariedade, a problemática do valor, o espaço que a literatura ocupa em termos sociais, culturais e educacionais, em suma, aspectos frequentemente ligados à reflexão sobre o fenômeno literário que se intensificam na atual conjuntura, gerando novos desafios e possibilidades. Nesse contexto, não causa espanto que autores em sintonia com as demandas atuais, como Pierre Lévy e Henry Jenkins, debrucem-se sobre semelhantes questões. Jenkins aponta para a natureza convergencial de nossa cultura, na qual mídias, interesses e indivíduos encontram pontos de contato teleologicamente organizados; para ele, as constantes transformações tecnológicas geram mudanças na produção cultural, no mercado e nas relações sociais, as quais se refletem na conjuntura contemporânea dos meios de comunicação. Lévy destaca o contexto cultural que emerge com a presença das tecnologias de informação e comunicação em nossas vidas, em suas mais variadas frentes (a “cibercultura”), indicando a urgência e a obrigatoriedade de modificações em diversos de nossos paradigmas, não escapando dessa condição o próprio professor que, instigado por uma verdadeira revolução na dinâmica comunicacional, vê-se impelido a buscar novas possibilidades que, por seu turno, têm como condição incontornável uma reflexão

teórica mais pormenorizada capaz de dar base a essas possibilidades que se abrem. Dessa forma, levando-se em conta a busca da construção de um leitor crítico no ciberespaço e em plena interação com mídias diversas, vemos emergir a necessidade premente de uma formação contínua e diferenciada de pesquisadores e professores capazes de enfrentar os desafios que se apresentem. Nesse sentido – e tendo em vista que tais questões ocupam espaço cada vez maior em documentos norteadores do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Orientações Curriculares do Ensino Médio (OCM) – entende-se a necessidade cada vez maior de pesquisas que auxiliem numa contínua reflexão que ajudem na construção de um instrumental teórico-metodológico que, para além do âmbito acadêmico, sirvam de apoio aos professores do Ensino Básico em suas práticas docentes. Dessa forma, levando-se em conta a busca da construção de um leitor crítico no ciberespaço e em plena interação com mídias diversas, propomos a discussão com pesquisadores imbuídos da tarefa de enfrentar os desafios que se apresentam e aproveitar as oportunidades – sobretudo no que se refere ao campo literário que mídias, tecnologias e novas linguagens se nos oferecem.

Palavras-chave: Leitura literária; Tecnologias; Novas Linguagens.

AS (INTER)FACES DA LITERATURA MODERNA

Beatriz Moreira Anselmo

Andressa Cristina de Oliveira

O cientificismo e o materialismo idolatrados nos fins do século XIX são fruto do apogeu da Revolução Industrial iniciada no final do século XVIII. Toda aquela atmosfera de entusiasmo materialista leva o homem comum a crer cada vez mais na ciência como criadora de tudo. Guiada pelo dominante pensamento de Auguste Comte (1798-1857), a sociedade vive com euforia e agitação a busca da modernidade socioeconômica, deixando pouco espaço em sua vida para reflexões metafísicas. Para essa sociedade, a arte tinha apenas a função de divertir, de purgar os cansaços daqueles que buscavam o progresso e o enriquecimento financeiro. Por não se sentirem adaptados à realidade social mecanicista e desenvolvimentista do tempo em que viveram, artistas dessa época – final do século XIX e início do século XX, convém enfatizar – buscam o completo afastamento da sociedade e negam toda e qualquer postura que siga os ditames do homem burguês. Além disso, eles procuram uma renovação na arte, que seria responsável por dar ao homem respostas às suas indagações existenciais que a ciência não era capaz de satisfazer, uma arte que expressasse os estados de alma de um sujeito fragilizado, atormentado pela perda de unidade da sua identidade e pela falta de sentido do mundo. Com o propósito de negar a realidade, os poetas passam a representar aquilo que foi o ideal do *fin-de-siècle*, que é converter a própria vida em obra de arte. Esse ideal se tornou uma verdadeira cultura estética e passou a ditar um modo de vida caracterizado pela consciência da inutilidade e superfluidade de todas as coisas e pela passividade diante de um mundo que corre freneticamente em busca do progresso material. Não foram poucos os artistas do final do século XIX e início do XX que renunciaram à vida em prol de sua obra de arte. Entretanto, tal renúncia não se justifica simplesmente pelo amor e devoção à arte, mas também pelo desejo de encontrar nela a justificativa da vida. Para eles, o universo artístico seria a única via compensadora dos desapontamentos da vida real. Herdeiro da filosofia e do pessimismo de Arthur Schopenhauer, dos pré-rafaelitas ingleses, de Swinburne e Swedenborg, do esoterismo presente no século XVIII e XIX e, sobretudo, do Romantismo, das teorias de Edgar Allan Poe e sobretudo de Charles Baudelaire, o Simbolismo e o Decadentismo revoltam-se contra o materialismo do século XIX e expressam um sentimento de

necessidade de evasão da realidade, dando um novo tom à voz do sujeito artista moderno. Baudelaire é acolhido como um mestre pelos escritores simbolistas não só por suas genialidade e originalidade, mas também pelas atitudes de rebeldia contra a moralidade burguesa e, acima de tudo, contra as convenções que limitavam a poesia. Este simpósio tem como objetivo principal propor reflexões e debates sobre questões pertinentes à literatura e à arte modernas, e suas (con)tradições, rupturas e especificidades.

Palavras-chave: Literatura moderna; Simbolismo; Decadentismo.

LITERATURA E GEOGRAFIA: ÁGUAS, MAPAS, O URBANO, O RURAL, O SERTÃO, O CERRADO, OS PAMPAS, AS MONTANHAS, AS FLORESTAS

Marcele Aires Franceschini

Andrea Leandra Porto Sales

A ligação entre a Literatura e a Geografia está, intrinsecamente, moldada pela linguagem poética/imagética/sensível que circunda os espaços. A visão Humanista Cultural que estrutura as duas áreas de conhecimento se dá em termos plurais, seja exprimindo a realidade em um determinado período, seja como forma de conhecimento mediada pelas experiências, reportando-se o sujeito-autor a geografias que auxiliam na construção de cenários e espaços literários. Não há “Grande Sertão” sem as “veredas”, o velho Chico e os buritizais; não há “O cão sem plumas” sem o Capibaribe; não há *O tempo e o vento* sem os pampas; não há *Romanceiro da Inconfidência* sem as montanhas de Minas; não há Machado sem a Rua do Ouvidor. A relação entre os poetas/narradores e as cidades, os campos, as serras, os rios, os mares, os sertões, os desertos, as matas e as ilhas é tão vital quanto a relação entre o texto e as imagens de espaço que circundam o emissor da mensagem literária – que por sua vez as transpassam ao leitor dos códigos e representações dos espaços. Os estudos geográficos realizados tomando como apoio a análise de textos literários já constituem uma linha de pesquisa na Geografia Internacional – muito embora o tema seja pouco privilegiado no país, a despeito da riqueza espacial que apresenta a produção literária. O objetivo do simpósio é discutir e apontar as convergências entre a Geografia e a Literatura, de modo que a Literatura erija como fonte de investigação geográfica. Neste ponto, a Literatura passa a ser considerada representação geográfica, fragmentando na retina do leitor distintos *loci* – factuais e ficcionais. Não importa a verdade ou a acuidade dos lugares, porém sua descrição no campo das idéias, de tal modo que a leitura do espaço se manifeste como recriação da vivência humana. Tal tessitura propicia o diálogo com as mais variadas teorias e narrativas/poéticas, numa perspectiva de que a fundamentação argumentativa se ancora no conhecimento de mundo individual ao imagético coletivo. Não fosse por esse caminho as mazelas e dores de retirantes como em *Vidas secas*, *O Quinze*, *A bagaceira* e “Morte e vida Severina” jamais seriam revelados; assim como, as belezas naturais e a convulsão dos grandes centros não passariam de meros retratos matemáticos, jamais poetizados por Drummond, Mário de Andrade ou Ferreira Gullar. É justamente na

capacidade de simbolizar e significar que esse entrelaçamento entre as áreas de conhecimento se insere, ao entender as características fenomenológicas e o estudo da percepção do meio, constituindo os seres mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa. O meio artificial construído até hoje é fruto dos processos mentais presentes nos mitos, nos sonhos, nas ciências, nas culturas e no *locus* pertencente a cada um. De fato, ao texto literário o espaço apresenta-se múltiplo, ora como espaço, ora como lugar, de modo que a escrita sempre revela nuances de povos, culturas e vivências em transformação.

Palavras-chave: Literatura; Geografia; Espaço.

LITERATURA INFANTIL NO CENTRO DO DEBATE

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

Silvana Augusta Barbosa Carrijo

Este simpósio tem por objetivo propiciar um espaço para debates acerca do que define a qualidade literária em obras infantis. Assim, pretende-se congregiar trabalhos que analisem uma obra literária infantil, pondo em destaque seu trabalho estético, bem como sua fortuna crítica; apresentem a recepção, em âmbito escolar, de uma obra desse subsistema literário; questionem políticas públicas de leitura; reflitam sobre o mercado editorial e a eleição de obras para leitura da criança. Desse modo, visa-se a agregar trabalhos cujas abordagens ocorram no campo da intersecção entre os estudos literários sobre obras infantis – narrativas, poesia, teatro, quadrinhos, entre outras –, e outras artes. Como desdobramento, espera-se que os participantes apresentem estudos analíticos, em que se considere: 1) o contexto de produção de uma obra, bem como sua repercussão social, sua aceitação junto ao público leitor e valorização social, por meio de premiações reconhecidas ou não pela academia; 2) esteticidade em obras infantis clássicas e/ou contemporâneas; 3) cultura popular e artes plásticas em diálogo com a produção literária infantil; 4) análise de obras infantis pertencentes a acervos de literatura ofertados na biblioteca escolar e/ou por meio de políticas públicas de leitura; 5) análise de adaptações; 6) análise de traduções; 7) estudos comparativos entre obras literárias infantis contemporâneas e textos canônicos; 8) reflexões sobre políticas públicas, em quaisquer esferas governamentais, sobre a promoção da leitura de obras infantis; 9) apresentação de resultados de ações extensionistas, envolvendo reflexões sobre a produção literária infantil e suas potencialidades para a formação do leitor estético; 10) reflexões críticas sobre a produção infantil contemporânea; 11) análise de aspectos mercadológicos relevantes na relação entre o livro literário, o mediador de leitura e a criança; 12) leitura da imagem no livro infantil: teorias e práticas. Para todas essas possibilidades, sugere-se que os participantes desenvolvam seus trabalhos com vistas a abordagens teoricamente consistentes. Sugere-se, ainda, a proposição de alguns questionamentos que permitam aos outros apresentadores e ao público presente o estabelecimento de discussão sobre os trabalhos apresentados. Sabemos que eleger obras infantis implica uma escolha bem específica do objeto de estudo, no caso, de um conjunto de obras de certo subsistema que compõe, em termos gerais, o sistema literário

e cultural brasileiro. Esse subsistema, por sua vez, define-se sob a égide de dois grandes aspectos, quais sejam: o público a que se destina e a forma pela qual as obras circulam entre e para este público. De fato, analisar as obras sob tal rubrica implica considerar o legado da tradição clássica e da oralidade; os diversos temas contemplados; o questionamento dos valores humanos tradicionais, em favor da formação de novas e múltiplas mentalidades; o investimento em complexos processos interdiscursivos (intertextualidade; metalinguagem; adaptação de obras clássicas; recontos e reendereço); o diálogo entre texto e ilustração; os procedimentos que dão forma aos projetos gráficos; a interface com outras manifestações artísticas e semióticas, como as artes plásticas e a cinematográfica; a interação com os meios multimidiáticos e o processo de escolarização da leitura de literatura para crianças, entre outros aspectos. Entre tantos elementos que demandam a realização de estudos e pesquisas sobre o gênero, faz-se necessário considerar também o diálogo com outras esferas de investigação científico-acadêmica, tais como a Educação, a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Pedagogia e a Linguística, entre outros. Assim sendo, o presente GT procurará abarcar propostas de trabalho que contemplem questões relevantes sobre o gênero *literatura infantil*.

Palavras-chave: literatura infantil; produção literária canônica e contemporânea; obra literária e mercado

LEITURA E ESCOLA: QUESTÕES SOBRE O ENSINO DA LITERATURA NO BRASIL

Mirian Hisae Yaegashi Zappone

Célia Regina Delácio Fernandes

No campo das Letras, criou-se uma tradição de estudos, talvez balizada pela associação das mesmas com a formação de bacharéis, de que o estudo da literatura é quase sempre uma abstração, já que seu objeto é revestido da aura ou de uma quintessência típica dos objetos que se revestem de valor artístico. Assim, muitos dos estudos e teorias da literatura objetivaram e objetivam a descrição do(s) modo(s) de composição presentes nos textos literários que lhes concedem caráter estético. Nesse percurso, a dimensão social da literatura, tal como proposta por Candido, em sua *Formação da Literatura Brasileira* (1959), bem como por Escarpit (1969) é relegada a segundo plano. Embora para alguns a literatura interesse, efetivamente, por seu caráter artístico, ela não sobrevive sem sua encenação material e social: para haver literatura, é preciso autores, obras e públicos, elementos intrinsecamente demarcados social e historicamente. Nesse sentido, como lembram Lajolo (2008), Lajolo e Zilberman (1991), para que literatura exista, é preciso que se articulem inúmeras instâncias que se interpõem entre os três elementos do sistema literário (autores, obras, públicos) apontado por Candido (1959). Entre esses elementos, interessam-nos as relações estabelecidas entre autores e públicos (particularmente, os públicos escolares), já que sem eles, o texto não existe, como bem ensinam as teorias da recepção. A fim de propiciar uma discussão que desloque os eixos tradicionais de investigação na área de Letras, este seminário objetiva realizar discussão em torno da literatura e de seus leitores situados em um espaço privilegiado: a escola, instituição responsável pelo desenvolvimento de práticas letradas sem as quais a literatura não pode ser produzida e consumida. Sendo assim, serão aceitos trabalhos que reflitam sobre: 1) políticas públicas voltadas para a leitura e leitura literária (PNBE, PIBID, PNAIC, PNEM e outras); 2) teorias de leitura que privilegiem o texto literário, 3) metodologias de ensino de literatura; 4) a história do ensino de literatura no Brasil, 4) estudos pontuais de compêndios e livros didáticos nos quais se trabalhem o texto literário, 5) o ensino de literatura nos diversos níveis de escolarização (básico e universitário), as relações entre vestibular e literatura; 6) o papel de bibliotecas na formação do leitor escolar, 7) a formação do professor de literatura; 8) as relações entre

ensino de literatura e novas tecnologias, 9) o ensino de literatura e sua figuração dentro dos textos literários, além de outros temas afins a esses que contribuam para uma reflexão sobre o ensino da literatura em nosso país.

Palavras-chave: Literatura; escola; ensino básico e universitário; história; materiais didáticos.

A CRÍTICA LITERÁRIA NO JORNAL PARA A CRÍTICA MIDIÁTICA: PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO

Silvia Maria Azevedo

Ana Paula Franco Nobile Brandileone

Com o advento do jornalismo no Brasil em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado, de um lado pelo fato de o jornal servir como principal meio de divulgação do literário – seja através da publicação obras literárias, seja como notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores ou ainda por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas, entrevistas – tornando, desse modo, a literatura mais acessível ao leitor. Por outro lado, o jornal prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também os libertando, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas. O primeiro abalo sofrido pelo jornal como privilegiado suporte de difusão da literatura foi motivada pela passagem de uma crítica literária ligada fundamentalmente à não-especialização da maior parte dos que se dedicavam a ela, denominada “crítica de rodapé” e exercida nos jornais, para uma geração de críticos interessados na especialização, e cujas formas de expressão dominantes eram o livro e a cátedra; resultado, aponta Flora Süssekind (1993), da formação universitária que se fez sentir no final dos anos 40. A consequência disso foi não só o afastamento do leitor comum, que se viu apertado entre períodos longos e rebarbativos da dicção universitária, mas também o confinamento cada vez mais acentuado desses críticos-*scholars* ao *campus* universitário, sobretudo devido ao desaparecimento paulatino das revistas e suplementos literários. O segundo abalo deu-se por conta do agenciamento das práticas literárias pela internet. Com o uso da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos como, por exemplo, o orkut e o blog, a circulação de textos tornou-se muito mais fácil e rápida, bem como uma vitrine para novos autores. Por isso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária tornou-se um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados

sobre textos e autores. A fim de dar conta das complexas e múltiplas contradições que engendram a presença da literatura brasileira, sobretudo da crítica literária, nos diferentes meios de comunicação, é que este Simpósio pretende congrega trabalhos voltados para a discussão dos processos de canonização de autores e obras. Para tanto, considera-se que não se pode compreender os processos de formação canônica sem levar em consideração, segundo Pierre Bordieu (2005, 2009), as relações que eles mantêm com o campo das instâncias de conservação, consagração e legitimação, isto é, com os museus, os sistemas de ensino, incluindo ainda os aparelhos do Estado, como a universidade e as Academias, as fundações e associações que concedem bolsas de criação literária ou atribuem prêmios valorativos, além das relações que o campo literário mantém com o campo político e religioso, bem como com as dinâmicas e singularidades do mercado.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Crítica literária, Cânone.

CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: LEITURAS LITERÁRIAS

Silvana Rodrigues Quintilhano

Guadalupe Estrelita dos Santos Menta Ferreira

O Brasil, por ser um país que passou pelo processo de colonização, acabou por se constituir como um capítulo da história das utopias europeias e por suas interpretações sobre nossa própria realidade (PAZ, 1976). Essa dependência política e cultural refletiu na configuração de um discurso preconceituoso, principalmente em relação ao negro escravizado, entendida como raça “bestializada”, estrangeira e vinculada ao atraso do regime escravocrata. Dessa forma, o negro estrutura-se na sociedade brasileira em contextos marginais, ou seja, de escravos a favelados. Esse discurso é reforçado, sob vários aspectos, pelos livros didáticos, acabando por se tornar uma forma de reproduzir, a partir do ambiente escolar, essa relação díspar e excludente do negro no Brasil. Contudo, no intuito de combater o preconceito racial, muitas ações estão sendo articuladas, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que recomenda a supervisão do conteúdo dos livros didáticos, nos parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Educação e Cultura, que proíbe a veiculação de preconceitos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que prioriza o ensino das contribuições culturais dos indígenas, africanos e europeus na história brasileira. E em 2003, o Presidente da República estabeleceu a obrigatoriedade no currículo escolar de implementação do ensino da história e da cultura afro-brasileira na rede de ensino, pública e privada, alterando a Lei nº 9.394 – com a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 – que tem como objetivo resgatar essa cultura e combater o racismo, buscando a valorização da comunidade negra brasileira; entre outras ações governamentais. No entanto, da ação afirmativa à prática educativa há um longo processo de diluição da concepção exótica que se criou em torno dessa cultura. Portanto, o objetivo desse simpósio será discutir novas práticas educativas, aliadas também às tecnologias de informação, que priorizem a leitura literária afro-brasileira e africana para os alunos da educação básica, levando-os à reflexão sobre a discriminação racial e a valorização da diversidade étnica como parte de nossa identidade cultural. Ações que deverão ter como referência os princípios de consciência política e histórica da diversidade e da

construção da identidade subjetiva do negro, configurando-se como práticas educativas motivadoras de mudanças sociais.

Palavras-chave: Ensino; Literatura Afro-Brasileira; Literatura Africana.